

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

ISABELLA ARICE GAUDENCIO DA SILVA

**Cultura periférica no museu: um estudo sobre a cidade de
São Paulo**

São Paulo
2023

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

Cultura periférica no museu: um estudo sobre a cidade de São Paulo

Isabella Arice Gaudencio da Silva

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título de
Especialista em Mídia, Informação e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Nonato

São Paulo
2023

CULTURA PERIFÉRICA NO MUSEU: UM ESTUDO SOBRE A CIDADE DE SÃO PAULO

Isabella Arice Gaudencio da Silva¹

Resumo: O museu desempenha um importante papel como parte dos aparatos ideológicos da sociedade, notadamente na qualidade de membro de uma rede política mundializada que é inseparável do processo civilizatório. Evidentemente é um privilegiado espaço discursivo de interpretação de uma dada realidade e seus sentidos. Dessa forma, a arte periférica coloca à prova a pluralidade cultural dentro dessas instituições onde o fomento à diversidade deve ser preservado e incentivado. A cultura periférica é o objeto para este estudo mais detalhado sobre a caracterização das artes que ocupam os espaços dos museus paulistanos e o destaque dessas artes na programação do MASP, MIS e Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Palavras-chave: museu; artista periférico; arte periférica; mídia; diversidade cultura.

Resumen: El museo juega un papel importante como parte de los aparatos ideológicos de la sociedad, en particular como miembro de una red política globalizada que es inseparable del proceso civilizatorio. Es evidentemente un espacio discursivo privilegiado para la interpretación de una determinada realidad y sus significados. De esta forma, el arte periférico pone a prueba la pluralidad cultural dentro de estas instituciones donde se debe preservar y fomentar la promoción de la diversidad. La cultura periférica es objeto de un estudio más detallado sobre la caracterización de las artes que ocupan los espacios de los museos de São Paulo y el destaque de esas artes en la programación del MASP, MIS y Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Palabras clave: museo; artista periférico; arte periférico; medios de comunicación diversidad cultural.

Abstract: The museum plays an important role as part of the ideological apparatuses of society, notably as a member of a globalized political network that is inseparable from the civilizing process. It is evidently a privileged discursive space for the interpretation of a given reality and its meanings. In this way, peripheral art tests the

¹ Graduada em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Atualmente trabalha na equipe de comunicação do Museu da Imagem e do Som (MIS).

cultural plurality within these institutions where the promotion of diversity must be preserved and encouraged. Peripheral culture is the object for a more detailed study on the characterization of the arts that take place in the museums of São Paulo and the highlight of these arts in the programming of MASP, MIS and Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Key words: museum; peripheral artist; peripheral art; media; cultural diversity.

Introdução

Nos últimos vinte anos, observa-se uma ampla circulação do termo "periferia" nos debates públicos e acadêmicos. Esse termo carrega significados polissêmicos e é frequentemente usado como sinônimo ou equivalente a expressões que indicam processos ou espaços geográficos e sociais semelhantes, como bairros populares, moradores de bairros populares, bairros pobres e até mesmo classes populares. Inicialmente utilizado para destacar as peculiaridades dos processos de urbanização nas cidades, ao longo dos anos o termo consolidou-se no âmbito da questão urbana.

Com o passar do tempo, a produção cultural proveniente das áreas periféricas, assim como os movimentos sociais que as representam, impelem um reconhecimento de sua existência. Essa produção cultural cria zonas de aproximação que são capazes de minar as intenções de isolamento e discriminação.

Em 1988, Edi Rock, ao lado de KL Jay, Mano Brown e Ice Blue, fundou o grupo de rap Racionais MC's, na periferia da cidade de São Paulo, tornando-se um dos principais rappers a impulsionar a visibilidade da periferia em suas letras. As músicas narram fatos do cotidiano, histórias e lições de vida. A desigualdade social também está no centro das denúncias ácidas e verdadeiras, retratando universos e problemas distintos.

A arte periférica é uma forma de expressão artística que surge em contextos culturais e geográficos periféricos, frequentemente associados a comunidades marginalizadas e afastadas dos centros de poder e produção artística convencionais (LOPES, 2017). Neste contexto, a arte periférica tem sido vista como uma fonte importante de renovação e transformação para o mundo da arte, oferecendo novas perspectivas e narrativas que ampliam e enriquecem o diálogo cultural em nossas sociedades globalizadas.

Este estudo propõe-se a refletir sobre as mudanças que ocorreram na arte dos

museus a partir de questões relacionadas ao lugar e espaço urbano. Apresenta aspectos sociais e culturais presentes em ações empreendidas por artistas periféricos, gerando novas problematizações no campo da arte nos museus.

1. O museu e a arte periférica

A primeira instituição com a denominação de museu, de que se há registros, foi o Museu de Alexandria, criado por Ptolomeu I Sóter (366 – 283 a.C.) na Antiguidade. Embora não houvesse uma coleção de obras de artes em exposição, o Museu compreendia a famosa Biblioteca de Alexandria e reunia objetos como instrumentos cirúrgicos e astronômicos. A instituição religiosa e científica era visada pelos acadêmicos em busca de inspiração e tranquilidade e reunia alguns dos mais importantes e conhecidos estudiosos do mundo helenístico.

O surgimento dos museus modernos se deu no final do século XVIII, a partir da doação ou aquisição de coleções particulares pelo Estado, tornando público o acesso às coleções. No final do século XIX havia dois modelos de museus no mundo: os museus históricos (museus nacionais), com acervos voltados para a história e cultura nacional e os museus de ciência e tecnologia, frutos da revolução industrial e progresso científico, com coleções de história natural e equipamentos mecânicos (GASPAR, 1993).

Dentre os primeiros museus modernos, pode-se citar o Museu Ashmoleano (1683). Apesar de ser considerado o primeiro museu público da Idade Moderna, era um local de pesquisa destinado prioritariamente aos alunos da instituição. Foi criado a partir da doação da coleção de curiosidades e artefatos de John Tradescant, feita por Elias Ashmole, à Universidade de Oxford (Inglaterra).

Para legitimar a significação do museu, o Conselho Internacional de Museus – ICOM elaborou e aprovou uma nova definição, em agosto de 2022. Resultado de um longo e amplo processo de construção colaborativa que envolveu profissionais de todo o mundo, durante a Conferência Geral do ICOM em Praga, o Conselho adotou como nova definição:

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades, os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para

educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimentos. (ICOM, 2022)

A definição anterior, que vigorava desde 2007, declarava que:

O museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite. (ICOM, 2007)

Como principais adendos à definição anterior, percebe-se a importância de acrescentar as palavras “acessível” e “inclusivo” e ainda incluir o fomento à “diversidade” e “sustentabilidade”. Este trabalho irá investigar, especificamente o jus à penúltima palavra dentro dos museus, ao analisar a presença da arte periférica nos programas expositivos.

A conservação e o fomento à diversidade significam, também, trazer para os museus os aportes de diferentes grupos e comunidades. Não obstante, a UNESCO tem assumido a importância da diversidade cultural como instrumento favorável à democracia, à tolerância, à justiça social e ao respeito entre diferentes culturas. Disso é exemplo a Declaração Universal da Diversidade Cultural (2001), que reconhece que a diversidade cultural é tão importante para a Humanidade como a diversidade biológica é para a natureza.

Tanto nos princípios da UNESCO como na definição do ICOM, prevalece a ideia de que todas as culturas são igualmente válidas e que o seu entendimento deve promover o diálogo intercultural e contribuir para o desenvolvimento e sustentabilidade cultural.

A promoção da diversidade é uma prioridade que atravessa todas as áreas (gestão de coleções, investigação, criação de projetos, envolvimento com as comunidades e grupos, formação de equipas, administração e governança), não se restringindo, como mais comumente, à área educativa e a projetos especiais no âmbito da formação e captação de novos públicos.

A estratégia para a promoção da diversidade cultural estende-se também às coleções e às exposições, em resposta às necessidades e aos interesses de diferentes públicos, por meio de práticas regulares de consulta e de colaboração. Além de um programa de exposições comunitárias, que visa a autorrepresentação por parte de grupos e comunidades, possibilitando a expressão da sua cultura, identidade e património (material e imaterial), destaca-se a criação de exposições multivocais, nas quais se propõe múltiplas perspectivas e leituras com a introdução

de testemunhos de membros das comunidades.

A arte periférica, derivada de um processo de luta por uma cultura de pertencimento à periferia e reivindicações sociais, está diretamente associada à cultura hip hop e, principalmente, a melodias do rap (EBLE, 2012). O rap, abreviação do termo *rhythm and poetry*, é um estilo musical que traz a batida eletrônica sequenciada e a fala marcada por versos. No Brasil, a cultura hip hop e, principalmente, o rap, se propagou na periferia como forma de reivindicação, tornando-se parte da cultura periférica. De acordo com Eble (2012, p. 29), o hip hop é um movimento “[...] contra-hegemônico que tem um objetivo político e acredita poder usar a cultura como arma para mudar a realidade social de uma comunidade historicamente marginalizada”.

A arte periférica retrata o social, posiciona-se como uma arte engajada em sua forma e estética e aponta questionamentos advindos da classe social que a representa, configurando nessas observações o porquê de pesquisar a arte periférica na conjuntura do campo cultural.

Arte periférica é uma produção artística que surge em espaços ou contextos sociais, geográficos e culturais considerados marginais ou periféricos em relação aos centros hegemônicos de produção e consumo artístico. Essa produção muitas vezes é realizada por artistas que não possuem formação acadêmica em arte ou que não seguem as tendências dominantes do mercado, e aborda temas e formas de expressão que refletem as experiências e identidades de grupos marginalizados." (LOPES, 2017, p. 179).

A arte periférica muitas vezes aborda temas que não são frequentemente representados nas exposições convencionais dos museus. Ela pode trazer a perspectiva de comunidades marginalizadas e explorar questões relacionadas à identidade, justiça social, política e histórias ocultas (PINHO, 2016). Dessa forma, a presença da arte periférica nos museus torna essas instituições culturais mais inclusivas, proporcionando um espaço para o diálogo intercultural e a expressão de diversas vozes.

Arte periférica é um conceito que se refere à produção artística que surge de maneira autônoma e independente dos circuitos institucionalizados da arte. Ela é criada por indivíduos e coletivos que habitam os espaços periféricos da cidade, e busca dar visibilidade a questões sociais e políticas que não são contempladas pela arte hegemônica. É uma expressão artística que, além de revelar as contradições e desigualdades presentes nas periferias, também é um instrumento de resistência e empoderamento desses grupos sociais. (PINHO, 2016, p. 15)

A inclusão da arte periférica nos museus pode ajudar a desconstruir as

hierarquias existentes no mundo da arte. Há uma desvalorização da arte periférica nos círculos artísticos convencionais, mas ao ser exibida em museus e galerias, ela pode ser legitimada e ganhar maior visibilidade e respeito. Isso pode ajudar a promover a diversidade de estilos, técnicas e tradições dentro do mundo da arte, enriquecendo a experiência dos visitantes dos museus e ampliando as possibilidades de representação no mundo da arte.

A inclusão da arte periférica nos museus é uma forma importante de promover a diversidade cultural e a inclusão no mundo da arte, permitindo que as vozes e perspectivas de comunidades marginalizadas e sub-representadas sejam ouvidas e valorizadas. Dessa forma, uma análise das exposições que ficaram em cartaz nos principais museus da capital paulista nos últimos três anos, trará um parecer sobre a inclusão da cultura periférica e dos artistas periféricos nestes espaços culturais.

2. Cultura periférica na mídia

O conceito de periferia como um lugar contido às margens tem sido considerado insuficiente para descrever adequadamente a realidade urbana contemporânea. Nessa realidade, é impossível separar de forma exclusiva o centro do seu entorno com base em características espaciais específicas e não híbridas. Cada vez mais, torna-se inviável estabelecer marcadores distintos que eliminem completamente as zonas de contato e as sobreposições entre o centro e a periferia.

De acordo com o Mapa da Desigualdade de 2022 (Anexo A), as favelas da cidade de São Paulo estão situadas nas regiões periféricas. A relação entre a menor porcentagem estimada de favelas em relação ao total de domicílios de um distrito (0%) e a maior porcentagem (32,7%) corresponde a desigualdade de 327 vezes. Ou seja, os dez distritos com índice zerado, como Alto de Pinheiros, Perdizes, Jardim Paulista, Cambuci e Bela Vista, têm 327 menos favelas do que o distrito de Vila Andrade, situado na zona Sul.

Os distritos com maior quantidade de favelas da capital são: Brasilândia e Cachoeirinha (zona norte); Sapopemba (zona leste); Sacomã, Jardim Ângela, Jardim São Luís, Capão Redondo e Campo Limpo (zona sul); Rio Pequeno e Vila Sônia (zona oeste). Sendo que a população da cidade se concentra também nessas regiões (Anexo B).

É importante esclarecer que há distinção entre periferia e favela, uma vez que

a conformação do lugar periférico não se efetua segundo a mesma lógica, de centro e entorno, nos diversos cantos do mundo. No entanto, por mais que em São Paulo — bem como em outras grandes cidades — existam favelas periféricas e favelas situadas em zonas nobres da cidade, há um tipo de distanciamento que resiste em ambos os casos.

Quando se trata de segregação social, deparamo-nos com fronteiras simbólicas, cujos contornos são mais nítidos para quem as vivências no cotidiano. O fato do Bom Retiro estar situado no coração da zona central não impede o distrito de estar tomado por periferias quando se trata do acesso a serviços essenciais e ao lazer disponíveis aos moradores. Consequentemente, o tipo de mobilização social levada a cabo pelos cidadãos que vivem nessas periferias reflete tal percepção.

As mudanças na estrutura organizacional, nas demandas e no comportamento das organizações sociais surgidas nas áreas periféricas, que passaram a dar ênfase à cultura como elemento central de suas iniciativas, refletem transformações objetivas mais profundas que contribuíram para redesenhar o panorama macroestrutural do Brasil nos anos 1990.

Nesse contexto, quando nos referimos à periferia neste texto, principalmente a consideramos como um lugar simbolicamente distante dos espaços públicos de convivência cultural e de lazer da cidade (e alvo de violência simbólica pela mídia), devido ao histórico processo de exclusão racial, social, política, econômica e cultural. Portanto, ao utilizar o termo periferia, não estamos aderindo às mesmas motivações da mídia, nem nos limitando a uma perspectiva estritamente espacial, mas sim considerando os significados atribuídos a essa espacialidade.

De acordo com Tairajú D’andrade (2013), que fez sua tese de doutorado sobre a formação dos sujeitos periféricos:

[...] a voltagem crítica que o termo periferia adquiriu na década de 1990 foi esvaziada à medida que o periférico passou a ser associado à figura do “pobre-que-venceu-na-vida”, em uma peculiar versão da dita “inclusão social”, ocorrida pelas vias do consumo [...] Essa celebração da pobreza como mercado foi acompanhada por uma exposição midiática sem precedentes de periferias, favelas e seus habitantes. Essa exposição pode ser verificada nos produtos da indústria do entretenimento, como filmes e novelas; nas empresas de publicidade; e também na agenda pública. (D’ANDRADE, 2013, p.10)

A produção cultural da periferia ganhou visibilidade nos principais veículos de mídia em pelo menos dois eventos significativos, segundo D’andrade (2013). Primeiro, destaca-se o lançamento de números da Revista Caros Amigos dedicados

à chamada Literatura Marginal nos anos de 2001, 2002 e 2004. Essas edições contribuíram para aumentar a visibilidade e a circulação do material produzido pelos autores dessa corrente literária. O sucesso da primeira edição foi tão expressivo que motivou a publicação de outras duas nos anos seguintes.

Segundo, o quadro “SP Cultura” sobre cultura periférica no telejornal SPTV da Rede Globo de Televisão. Com os coletivos artísticos da periferia desempenhando um papel cada vez mais importante na vida cotidiana dos moradores dessas áreas, a maior emissora de televisão do país reservou um espaço em sua programação semanal para falar sobre essa diversidade cultural. Dessa forma, os principais expoentes dessa produção artística obtiveram maior visibilidade e reconhecimento.

O que marca a diferença é quando organizações culturais originárias da periferia aproveitam os espaços midiáticos para evidenciar suas próprias produções. Elas divulgam projetos feitos por membros das comunidades periféricas, oferecem cursos de formação para artistas e estabelecem parcerias com grandes empresas privadas para garantir benefícios para as comunidades que representam. Elas contam com suporte midiático para adquirir a visibilidade necessária para atingir outras camadas da sociedade.

De certo modo, a relação entre a periferia e a mídia funciona como uma via de mão dupla: as práticas culturais que surgem das necessidades e experiências enraizadas na vivência de um lugar marginalizado requerem visibilidade midiática para adentrar em outros níveis de existência e reconhecimento, essenciais para sua efetividade. Por outro lado, o sistema midiático tem por incumbência apresentar diferentes manifestações culturais.

3. Metodologia

Ao propor como objetivo deste artigo a investigação da presença da arte e cultura vinda de contextos de periferia dentro dos museus da cidade de São Paulo, foi empregada a metodologia de base exploratória com abordagem qualitativa, tomando como meio a pesquisa documental.

As literaturas consultadas para a construção desse trabalho foram pesquisadas em livros teóricos, sites e artigos. Foram selecionados autores da comunicação, sociologia, filosofia e história. As bases de dados usadas para busca desses artigos foram: Scielo, Biblioteca Virtual e CAPES. As palavras chaves

articuladas utilizadas foram: arte periférica; museus de São Paulo e diversidade cultural.

Os critérios de seleção consistiram em artigos que abordam os primórdios dos museus; artigos que apresentem a compreensão sobre arte e periferia; artigos que trazem como discussão contextos periféricos. O critério de exclusão foram artigos que fugiam às delimitações citadas.

A pesquisa documental é um delineamento da pesquisa de reconhecimento de informações a partir de documentos vindos de fontes e formas diversas. Esse método permite o entendimento do que já foi produzido conforme os interesses da pesquisa e a construção de novos conhecimentos a partir dela (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009).

A pesquisa documental permite que o trabalho evidencie o contexto histórico e sociocultural ao qual o tema é abordado, pois são estudados documentos de diversas naturezas, como fotos, textos e vídeos que podem ser explorados de acordo com a condução escolhida pelo pesquisador (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009). O recurso metodológico da pesquisa documental foi um potente instrumento para a criação do presente artigo, pois com a análise da programação expositiva dos museus, foi possível uma melhor análise da presença da arte periférica nesses espaços.

Para realizar a análise dos principais museus da cidade de São Paulo, por meio de uma pesquisa documental, usamos como base o levantamento realizado pelo Observatório de Turismo e Eventos* (s/d)² sobre os dez museus mais populares da capital paulistana, sendo eles: Museu da Imagem e do Som (MIS), Catavento Cultural e Educacional, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Museu do Futebol, Museu da Língua Portuguesa, Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), Museu Afro Brasil, Museu da Casa Brasileira, Casa das Rosas, Museu da Imigração do Estado de São Paulo.

Dentre os apontados, selecionamos aqueles que não têm uma temática única e que são possíveis de serem analisados pelo site oficial da instituição: o Museu da Imagem e do Som (MIS), a Pinacoteca do Estado de São Paulo e o Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP).

A programação das exposições em cartaz de cada museu foi analisada por meio do site. Investigamos quantas exposições com arte ou cultura periférica

² Disponível em <<https://observatoriodeturismo.com.br/?p=2597>>

estiveram em cartaz entre os anos de 2020 e 2022, a fim de constatar a presença - ou não - da cultura periférica dentro dos principais museus de umas das maiores capitais da América Latina. Para tanto, acessamos a página de exposições passadas de cada ano investigado e analisamos todas as exposições que entraram em cartaz, pesquisando em paralelo todos os artistas e obras.

Por fim, foram realizadas duas entrevistas com mulheres que já tiveram relação com um dos três museus analisados e têm envolvimento com a cultura periférica (Anexo C). Uma delas é Luciara Ribeiro. Nascida no sertão baiano, ela expôs no lobby da Pinacoteca Luz e participou da curadoria de diversos centros culturais e museus. A outra é Mari Memo, artista de periferia que teve sua arte exposta no MIS e em outras galerias da capital. Como critério de seleção das entrevistadas considerou-se a facilidade de conseguir contato e realizar a entrevista, a presença em um dos museus e a variedade de perspectivas.

Ao localizar artistas periféricos que participaram dos projetos museológicos e realizar uma pesquisa qualitativa com eles, busca-se apreender as considerações de artistas marginalizados sobre os espaços sociais que são os museus, com disputas políticas e ideológicas, e as barreiras para a presença das artes periféricas em grandes centros disseminadores de cultura.

4. Resultados

4.1. Por dentro dos museus

A cidade de São Paulo é um exemplo de diversidade cultural. Com mais de 12 milhões de habitantes, a capital paulista é um grande caldeirão de culturas e tradições, abrigando uma enorme variedade de grupos étnicos, religiões e modos de vida. Essa diversidade pode ser vista em seus bairros, ruas, praças e parques, onde é possível encontrar restaurantes, lojas e espaços culturais que refletem a riqueza da pluralidade paulistana.

Dentre essa pluralidade cultural, São Paulo abriga culturas periféricas. Essas culturas se desenvolvem nas regiões mais afastadas do centro da cidade, onde muitas vezes as condições socioeconômicas são mais precárias e há uma maior presença de grupos marginalizados.

Os museus têm um importante papel na valorização e preservação da diversidade cultural e das múltiplas identidades presentes na cidade de São Paulo, e

até mesmo na sociedade como um todo. Por meio das suas coleções e exposições, os museus têm o potencial de promover o diálogo intercultural e de ampliar o conhecimento e o respeito pelas diferentes formas de vida e de expressão artística.

Por isso, o estudo da programação de exposições de alguns dos principais museus da cidade, trará uma manifestação sobre a inserção da cultura e sociedade periférica nestes centros culturais.

Os resultados encontrados após a análise dos últimos três anos (2020, 2021 e 2022) das exposições presenciais que estiveram em cartaz nas instituições investigadas podem ser elucidados na seguinte tabela:

MUSEU	ACERVO (itens)	EXPOSIÇÕES 2020	EXPOSIÇÕES 2021	EXPOSIÇÕES 2022	ARTE PERIFÉRICA
MASP	11 mil	08	12	15	04
MIS	200 mil	03	07	12	05
Pinacoteca	11 mil	05	07	10	07

4.1.1. MASP

Localizado no coração de São Paulo, o Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, conhecido como MASP, é uma das mais importantes instituições culturais do Brasil e o cartão postal da cidade. O museu é reconhecido mundialmente por sua arquitetura inovadora, projetada por Lina Bo Bardi, que consiste em um vão livre sustentado por pilares vermelhos. Fundado em 1947, é um museu privado sem fins lucrativos e possui um acervo único que inclui pinturas, esculturas, objetos, fotografias, vídeos e vestuário de diversos períodos, abrangendo a produção europeia, africana, asiática e das Américas. O grandioso espaço aberto e a disposição das obras em painéis de vidro oferecem uma experiência singular para os visitantes do local.

O museu possui uma coleção de arte ocidental que abrange diversos movimentos e artistas renomados, como Van Gogh, Monet, Picasso, Portinari e Anita Malfatti, entre muitos outros. Além das exposições permanentes, o MASP promove mostras temporárias, atividades educativas, palestras, cursos e eventos culturais. O espaço também abriga uma biblioteca especializada e uma loja de produtos

relacionados à arte, oferecendo aos visitantes uma experiência completa e enriquecedora.

Desde 2016, o MASP tem organizado uma série de mostras e projetos em torno de diferentes histórias: Histórias da infância (2016); Histórias da sexualidade (2017); Histórias afro-atlânticas (2018); Histórias das mulheres, Histórias feministas (2019); Histórias da dança (2020) e Histórias brasileiras (2022).

No ano de 2020, entraram em cartaz nove exposições, a maioria com a temática da dança. Grandes artistas expuseram neste período, como Hélio Oiticica e Edgar Degas. A exposição coletiva “Histórias da dança”, que estava prevista para acontecer entre 25 de junho e 5 de novembro de 2020, foi cancelada devido à pandemia global de Covid-19 e aos cortes orçamentários. A exposição teria reunido mais de 250 obras de 160 artistas, coreógrafos e performers de diferentes períodos, geografias e tipologias, podendo trazer expressões periféricas. Entretanto, não foi registrado nenhum artista periférico ou artes periféricas presente na programação principal no ano de 2020.

Na programação do biênio 2021 e 2022, o MASP realizou exposições dedicadas às Histórias brasileiras, complementadas por mostras individuais e coletivas que se conectaram ao tema. Elas se aproximaram dos conteúdos, das imagens e das agendas da história social, cultural e política, estando mais relacionadas a pautas contemporâneas e à vida cotidiana, do que estritamente à história da arte, como diz em seu site oficial.

Ao longo de 2021, a programação do espaço “Sala de Vídeo” integrou o ciclo das Histórias brasileiras da programação, incluindo trabalhos de Ana Pi, Teto Preto, Regina Vater, Zahy Guajajara e Dominique Gonzalez-Foerster. Sendo a primeira artista a única a ter relação com a arte periférica. As exposições individuais foram contempladas por Beatriz Milhazes, Ione Saldanha, Conceição dos Bugres, entre outros.

Ana Pi, natural de Belo Horizonte, é artista da coreografia e da imagem, pesquisadora das danças urbanas, dançarina extemporânea e pedagoga. Por meio de suas obras, evoca uma perspectiva descolonizada do corpo, libertando-o de estigmatizações e clichês. O seu projeto “Corpo Firme: danças periféricas, gestos sagrados”, cria conexões e estabelece referências comuns entre danças urbanas e vestígios de gestos ancestrais presentes nas diásporas negras. O vídeo “Vós” (2011), apresentado na exposição, mostra a artista dançando para suas avós, que estão

situadas em uma periferia.

No ano de 2022, o ciclo incluiu exposições individuais de Alfredo Volpi, Abdias Nascimento, Joseca Yanomami, Luiz Zerbini, Dalton Paula, Madalena dos Santos Reinbolt, Judith Lauand e Cinthia Marcelle, bem como mostras na sala de vídeo de Aline Motta, Bárbara Wagner & Benjamin de Burca, Letícia Parente, Melanie Smith e Tamar Guimarães.

Das exposições individuais, destacam-se Abdias Nascimento e Madalena dos Santos Reinbolt. Figura fundamental na vida política e cultural brasileira, e um dos maiores expoentes da cultura negra, Abdias era neto de mulheres escravizadas e viveu na periferia de Franca até 1929, antes de chegar na capital paulista. A mostra reuniu 61 pinturas que dialogavam com a tradição da abstração geométrica e a representação dos símbolos africanos. Já a exposição “Madalena Santos Reinbolt: uma cabeça cheia de planetas” expôs 44 trabalhos, entre pinturas e tapeçarias, da artista baiana reconhecida por seus complexos bordados. Neles, Reinbolt representou a vida cotidiana no campo e na cidade, repleta de personagens negros: encontros, festas, celebrações, religiosidades, refeições coletivas.

Na sala de vídeo de Aline Motta é uma busca da niteroiense em compreender como a história é narrada, em especial aquilo que é omitido ou reprimido e que ela recupera por meio da pesquisa e da especulação. Utilizando a ficção e a poesia, a artista questiona as relações entre violências estruturais, apagamentos históricos e a preservação da memória. Tomando a história de sua família como estudo de caso da formação social brasileira, com seus apagamentos, violências e resistências, as obras esbarram, muitas vezes, em relatos e vivências de pessoas periféricas.

Nos três anos de análise da programação de exposições do MASP, percebe-se que há uma preocupação da instituição em trazer mais artistas mulheres para a programação principal. A passagem do grupo de artistas feministas anônimas, denominado Guerrilla Girls, em 2017, na exposição principal do museu evidenciou a porcentagem de mulheres artistas no acervo e nas mostras. Entretanto, dentre as 35 exposições que estiveram em cartaz no MASP entre os anos de 2020 e 2022, apenas quatro têm relação com a arte e cultura periférica.

4.1.2. MIS

Fundado em 1970, o Museu da Imagem e do Som (MIS) de São Paulo, museu

da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo, é uma instituição cultural icônica, localizada na Avenida Europa, em um bairro nobre da cidade. De acordo com o site oficial da instituição, o MIS tem como objetivo preservar, pesquisar e difundir a história e a memória da música, do cinema, da fotografia e do audiovisual em geral. Com um acervo impressionante, que inclui fotografias, filmes, vídeos, discos, equipamentos e documentos, o museu oferece aos visitantes uma imersão na cultura e na arte audiovisual. Já foi palco de grandes exposições, como de Stanley Kubrick, David Bowie, Truffaut, Renato Russo, Rita Lee e Castelo Rá-Tim-Bum. Além das exposições permanentes e temporárias, o MIS também promove uma programação diversificada, com mostras de cinema, shows, palestras, cursos e bate-papos.

O MIS é reconhecido como um importante centro cultural, que celebra a história e o legado do audiovisual brasileiro e internacional. Com exposições interativas e tecnologicamente avançadas, oferece experiências marcantes para explorar a evolução da música, do cinema e da fotografia e de diversos outros assuntos.

O ano de 2020 foi marcado pela exposição “Musicais no cinema” nos dois primeiros meses e pela exposição “Revelando Hilda Hilst” em fevereiro e março. Também ficou em cartaz a exposição de curta duração “Sou princesa, sou real”. Em decorrência do isolamento social devido a pandemia da Covid-19, a programação de exposições do Museu foi fortemente afetada.

Em 2021, as mostras que ganharam destaque foram “John Lennon em Nova York por Bob Gruen”, no começo do ano, e “Samsung Rock Exhibition Rita Lee”, no final do ano e no começo do ano seguinte. Também entraram em cartaz algumas exposições de fotografia, como a “Mobile Photo Festival 2021”, que destaca fotos feitas com dispositivos móveis; a “Registros da inclusão”, com trabalhos do artista Rogério Reis; e as duas edições do projeto “Nova Fotografia”, de 2020 e de 2021. Chegou ao MIS, também, a instalação “im.fusion” com projeções plenas de efeitos especiais – gráficos e sonoros – de moléculas e ecossistemas.

O Nova Fotografia é um programa anual que seleciona trabalhos de artistas promissores, que se distinguem pela qualidade e inovação, por meio de convocatória. O “Nova Fotografia 2020” expôs 93 fotografias, de seis diferentes artistas, que compuseram um panorama diversificado da produção fotográfica. No projeto “Castelos e ruínas”, título emprestado do primeiro álbum de estúdio do rapper carioca BK’, Lucas Sirino apresentou fotografias retratando espaços diversos da paisagem

urbana de São Paulo, incluindo o periférico. Sirino nasceu em um bairro periférico da Zona Leste de São Paulo. Sua fotografia é fruto de tudo aquilo que viu e viveu, de tudo que sentiu na pele e de suas influências musicais, visuais e periféricas.

Já a edição de 2021 do Nova Fotografia levou três projetos de diferentes fotógrafos para o museu. Dentre eles, o “Ainda plano”, de Pedro Levorin, reuniu 20 imagens que funcionavam como janelas para os processos de transformações sociais, econômicas, regionais e culturais. As paisagens e casas com fachadas de platibandas registradas nos municípios de Monte Santo, Uauá e Curaçá, algumas na periferia das cidades, trouxeram diversidade de materiais e formas de organizar os espaços, reverberando aspectos do período político que o país viveu a partir de 2002.

No ano de 2022, entraram em cartaz exposições como “Arte é bom”, “Archipelago”, “1932: Revolução, Constituição e Cidadania – A força de um ideal” e “Videoarte no acervo MIS”.

A mostra “Cem anos modernos”, idealizada por Marcello Dantas e José Miguel Wisnik, apostou no caráter exploratório por um grande labirinto, apresentando artistas que fizeram a cultura brasileira nos últimos cem anos, alguns deles contemporâneos, como a cantora Anitta, Elza Soares, Denise Stoklos, Emicida, Racionais, Denilson Baniwa, passando também por Glauber Rocha, Ariano Suassuna e José Celso Martinez Corrêa. Trazendo uma diversidade de caminhos e leituras do Brasil, com diferentes culturas.

O projeto “Morro dos espíritos”, presente na primeira parte da Nova Fotografia 2022, reuniu uma série fotográfica que criou um paralelo entre a relação dos moradores das periferias com imagens de espíritos ancestrais, presentes em diversas culturas de Abya Yala. A dupla de artistas transmarginal, de Givva y Quebrantxy, resgatou um pouco da história apagada sobre a espiritualidade na favela, a partir do olhar de quem vive nessas comunidades.

No mês em que se comemora o Dia Nacional da Consciência Negra, o MIS em Cena – programa do MIS que busca democratizar o acesso à cultura e ir ao encontro dos territórios mais periféricos da cidade – inaugurou sua terceira edição, homenageando 81 personalidades negras que fizeram nossa história. Foram indicados 81 artistas por CEUs, Fábricas de Cultura e outras entidades culturais do Estado de São Paulo para criarem obras em grafite, que compuseram a exposição “Grandes personalidades negras”, que aconteceu simultaneamente em quase uma centena de espaços culturais.

Percebe-se que a arte periférica é escassa nas exposições centrais do MIS. O projeto Nova Fotografia e MIS em Cena são as principais fontes de inclusão de um olhar mais voltado para as margens do circuito central de cultura, sendo o primeiro com exposições de projetos solos de diferentes artistas e o segundo uma mostra coletiva.

4.1.3. Pinacoteca do Estado de São Paulo

A Pinacoteca do Estado de São Paulo, museu da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo, está localizada no centro da cidade de São Paulo. Fundada em 1905, sendo o museu de arte mais antigo da cidade, a instituição abriga um vasto acervo de arte brasileira, com ênfase nos períodos do século XIX ao contemporâneo. Com obras de renomados artistas nacionais e internacionais, a Pinacoteca oferece, além das exposições permanentes, mostras temporárias, palestras, cursos e atividades educativas.

Com salas amplas e bem iluminadas, a Pinacoteca tem um ambiente imponente, que mescla a arquitetura histórica com a contemporaneidade. O Museu abrange três edifícios: a Pinacoteca Luz, a Pinacoteca Estação e a Pinacoteca Contemporânea, aberta ao público recentemente, tornando-se o maior museu da América Latina.

No ano de 2020, a Pinacoteca realizou seis exposições: “Véxoa: nós sabemos”, “OSGEMEOS: segredos”, “Joan Jonas: cinco décadas”, “Hudinilson Jr.: explícito”, “Galeria José e Paulina Nemirovsky - destaques do acervo” e “Distância: uma seleção de vídeos e filmes do acervo da Pinacoteca”. Esta última foi uma exposição on-line de vídeos e filmes, organizada durante o período de confinamento social causado pela pandemia de Covid-19, então será desconsiderada em decorrência do formato.

A exposição “OSGEMEOS: segredos” foi uma oportunidade de imergir no universo dos artistas brasileiros OSGEMEOS, formado pelos irmãos Gustavo e Otávio Pandolfo. A mostra, exibindo mais de 1000 itens, apresentou uma ampla retrospectiva de suas obras, destacando seu estilo característico de arte urbana e suas influências na cultura hip-hop e na street art. Com pinturas vibrantes, esculturas e instalações interativas, a exposição permitiu ao público mergulhar na imaginação dos artistas e explorar os segredos de seu mundo criativo.

OSGEMEOS mantém seu ateliê, até hoje, no Cambuci, antigo bairro de

operários e imigrantes na região central de São Paulo, no qual passaram sua infância e juventude. O urbano, a cidade, as relações que se dão nesse espaço específico, são tanto temas de suas artes quanto o próprio modo de aparição dos artistas.

A exposição “Hudinilson Jr.: Explícito” foi dedicada ao artista brasileiro Hudinilson Jr., conhecido por sua atuação na cena artística LGBTQIA+ e por suas experimentações com o corpo e a sexualidade. A mostra apresentou um conjunto de obras que exploraram questões de identidade, desejo e intimidade, utilizando fotografias, colagens e documentos pessoais. O artista tomou como base a autorrepresentação, o homoerotismo e o gesto contracultural, tendo influência suportes como o estêncil, a arte postal, a performance, o grafite e as intervenções urbanas. Para as últimas, costumava sair à noite pelas ruas de São Paulo e montou o coletivo 3NÓS3, celebrado por suas ações transgressoras no espaço público, entre 1979 e 1982.

No período de 2021, esteve em cartaz duas exposições coletivas: “A máquina do mundo: Arte e indústria no Brasil 1901 – 2021” e “Enciclopédia Negra”. A primeira reuniu cerca de 250 obras de mais de 100 artistas nas sete galerias de exposições temporárias do edifício Pina Luz. Entretanto, o site do museu não disponibilizou o nome dos artistas que participaram da mostra coletiva. A segunda mostra expôs 103 retratos realizados por artistas contemporâneos para um livro homônimo. A exposição é um desdobramento da publicação, que reúne as biografias de mais de 550 personalidades negras, em 416 verbetes individuais e coletivos. Muitos desses personagens tiveram as suas imagens e histórias de vida apagadas ou nunca registradas.

Para interromper essa invisibilidade, artistas contemporâneos foram convidados a produzir retratos dos biografados. Os personagens representados, que vão desde o período da escravidão até o momento presente, majoritariamente são pessoas marginalizadas e que ocupam ou ocupavam espaços afastados dos centros urbanos. Dentre os 37 artistas contemporâneos que elaboraram as obras presentes na exposição, encontram-se artistas periféricas como Kika Carvalho, natural do Espírito Santo e que começou no grafite, sendo a primeira mulher de destaque a pintar os muros de Vitória; e também Igi Ayedun, nascida na periferia do Brás e inserida na cultura preta das escolas de samba e da africanidade iorubá.

No ano de 2022, houve um aumento no número de exposições abertas na Pinacoteca, sendo que quatro envolveram a temática da cultura periférica.

A exposição “Pelas ruas: vida moderna e experiências urbanas na arte dos Estados Unidos. 1893-1976” foi uma colaboração com a organização Terra Foundation for American Art que reuniu 150 obras, de 78 artistas, dentre eles, reconhecidos nomes da arte norte americana, como Andy Warhol, Edward Hopper, além de trabalhos de Charles White, Emma Amos, George Nelson Preston, Jacob Lawrence e Vivian Browne, entre outros. De acordo com o vídeo da exposição³, é possível analisar, pela fala das curadoras e pelas captações visuais da exposição, que houve representações da cultura periférica. Não é possível certificar que houve artistas periféricos pois não há a presença de todos os nomes no site.

A instalação “Dalton Paula: Rota do algodão”, composta por oito conjuntos de tamboretos populares de madeira e couro, ficou em cartaz no Octógono da Pinacoteca Luz. Viajando ao longo dos rios Mississippi (Louisiana) e Itapecuru (Maranhão), Dalton acessou diversas camadas de uma história de ascensão e abandono do comércio do algodão, de exploração dos trabalhadores escravizados nas respectivas fazendas e da falência de uma indústria inteira nas regiões ribeirinhas e portuárias no final do século XIX. Dalton nasceu em Brasília/DF e mora e trabalha em Goiânia/GO, em suas obras discute o corpo silenciado no meio urbano. Corpo este, muitas vezes, periférico.

A exposição “Ato Moderno” apresentou um conjunto de cinco obras, que discutem aspectos da modernidade na produção e no pensamento contemporâneo. Luciana Ribeiro apresentou, no lobby da Pinacoteca Luz, o videodocumentário “Narrativas e Territórios em disputa: Investigações sobre os sistemas das artes”. A proposta da artista foi repensar lugares que são colocados como margens, que não são apresentados dentro de uma centralidade do eixo artístico. E, também compreender quais são os circuitos expositivos presentes nas periferias da cidade de São Paulo.

A exposição “Mapa da estrada: novas obras no acervo da Pinacoteca de São Paulo” faz parte do programa de patronos do museu, que a partir de uma seleção proposta pela curadoria do museu e do investimento arrecadado, definem as novas aquisições. Grande parte do que foi exibido referiu-se a obras de artistas mulheres, sendo algumas delas negras, trans e/ou autodidatas. A mostra ainda trouxe produções de artistas negros, como Abdias Nascimento, Jaime Lauriano, Antonio

³ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=W9muXP0cZWk>

Obá. Uma das salas fez referência à performance e ao corpo em movimento; já o espaço central destacou uma seleção que combina cultura africana e a indígena. O terceiro ambiente foi ocupado por obras de caráter mais político e que abordam questões atuais.

Das 22 exposições da Pinacoteca do Estado de São Paulo que estiveram em cartaz entre os anos de 2020 e 2022, somente sete tiveram obras com relação à cultura periférica ou a presença de artistas periféricos no quadro expositivo. Sendo presente majoritariamente em mostras coletivas.

4.2. A visão da artista periférica e da curadora de museus

A diversidade cultural e a representatividade desempenham um papel crucial para que os museus sejam espaços responsáveis por preservar, exibir e interpretar diferentes formas de expressão humana ao longo da história. Quando os museus abrangem a diversidade cultural e garantem representatividade, eles se tornam locais inclusivos.

A representatividade, de acordo com Stuart Hall (2016), é uma questão central dentro da cultura. Hall critica a forma como certos grupos sociais são estereotipados e marginalizados nas representações culturais dominantes, enquanto outros são privilegiados. A representação diversa e inclusiva, reflete a complexidade e a pluralidade das identidades culturais.

Mari Memo é artista de periferia. Mora no Itaim Paulista, distrito situado na Zona Leste do município de São Paulo. Faz grafite desde os 14 anos, quando saía de madrugada para pichar com os amigos. A artista tem bastante relação com a arte urbana e atualmente também está envolvida com produção de filmes e pintura em tela à óleo. Participou da exposição “Grandes personalidades negras”, que aconteceu no em novembro de 2022 no MIS, com a representação em grafite de Luis Gama.

Tudo que eu faço, tudo que eu produzo, que eu escrevo, que eu crio, não tem como tirar a temática de periferia, a temática da quebrada. Além de ser importante para mim tentar representar tanto a minha quebrada como as outras quebradas. Basicamente, o artista periférico é, antes de artista, periférico. Primeiro você é periférico, depois você é artista.” (MEMO, 2023)

Luciara Ribeiro nasceu em Xique-xique, no sertão baiano. Local que marcou sua educação e seu modo de ser. Veio para São Paulo aos seis anos, e foi criada em Mauá. A partir dos 14 anos se envolveu com movimentos sociais e foi se descobrindo

como mulher negra. Ribeiro é crítica de artes e escreve para periódicos, além de lecionar na faculdade Santa Marcelina e atuar independentemente com outras instituições. Formada em História da Arte, já trabalhou na Bienal de São Paulo e participou de projetos como curadora para alguns museus da cidade de São Paulo.

Eu gosto sempre de pensar nestas apresentações pelo o que antecede a presença das instituições na minha vida e na relação com o sistema das artes. Então, a maneira como eu me apresento é sempre pensando de onde eu vim, que é a cidade de Xique Xique, no interior da Bahia. É uma cidade no sertão baiano. O modo de vida de lá também é a maneira como fui educada e que, provavelmente, é o que influencia o meu modo de ser. (RIBEIRO, 2023)

As duas entrevistadas fizeram questão de enfatizar suas origens, uma vez que o contexto, suas estruturas de poder, ideologias e relações sociais, influenciam as formas como se entendem, interpretam e representam a realidade. Segundo Hall (2016), a representação desempenha um papel crucial na forma como se entende o mundo ao redor e como se percebe dentro dele. Ela molda nossas percepções, valores e crenças, influenciando a maneira como se pensa, age e interage com os outros. A representação não é simplesmente uma cópia direta da realidade, mas sim um processo ativo e dinâmico de significação.

Sujeitos podem produzir textos particulares, mas eles estão operando dentro dos limites da *episteme*, da *formação discursiva*, do *regime da verdade*, de uma cultura e período particulares [...] Esse sujeito, produto do discurso, não pode estar fora dele, porque a ele deve estar *sujeitado*. De se submeter às suas regras e convenções, às suas disposições de poder/conhecimento. O sujeito pode se tornar o portador do tipo de conhecimento que o discurso produz, pode se tornar o objeto pelo qual o poder é exercido, mas não pode permanecer fora do poder/conhecimento como sua fonte e autor. (HALL, 2016, p.99)

O sujeito é produto do discurso, influenciado pelas estruturas e convenções que regem a produção do conhecimento e do poder no contexto que está inserido. O sujeito não pode estar fora do discurso, pois está sujeito a ele. Ele se submete às regras e convenções do discurso, assim como às disposições de poder e conhecimento que permeiam essa formação discursiva. Dessa forma, a compreensão de um artista ou sujeito periférico tende a estar relacionada com as condições discursivas e sociais em que ele está inserido.

Os museus podem desempenhar um papel significativo na criação e determinação das estruturas de conhecimento. Por meio de suas exposições, programas educacionais e pesquisas, eles influenciam ativamente o conhecimento e a compreensão que o público tem sobre diferentes temas.

Além de exercerem controle sobre quais objetos são selecionados, adquiridos e exibidos em suas coleções, a forma como os objetos são apresentados e interpretados nos museus também influencia a forma como o público interage e compreende os itens expostos. Os museus podem criar narrativas, contextos e conexões que moldam a interpretação dos visitantes e, também, a relação deles com este espaço.

Ao falar sobre o sistema colonial dos museus, Luciara Ribeiro enfatizou como isso pode distanciar as pessoas deste lugar, principalmente as periféricas:

O museu não deve ser [...] esse lugar opressor que você vai para você entender os poderes, para se sentir oprimido, para se sentir envergonhada. Pensando em periferias, essa tem sido a experiência de sujeitos periféricos. E eu digo por mim. Minhas primeiras visitas ao museu foram no segundo colegial, com a professora de artes. Visitamos a Bienal e a Pinacoteca, e as lembranças que eu tenho são todas de medo desses lugares. As lembranças que tenho são de muito pavor, desespero, de fato, e me sentir humilhada. Ao mesmo tempo, tinha um prazer de estar. Tinha uma grandiosidade naquele lugar. Eu sabia que era um privilégio. Ao mesmo tempo, eu sabia que eu não tinha que estar ali, então era uma angústia incessante de “o que eu faço aqui? Quem são essas pessoas? Como eu tenho que agir e como não tenho?” Conquistar um lugar em que hoje eu entre e me sinta tranquila, foi um processo muito longo e há muito custo. (RIBEIRO, 2023)

Mari Memo trabalhou na equipe de orientação do MASP e pôde ver de perto como a relação com o espaço dos museus muda de acordo com o público.

Minha relação com museu mudou muito depois que eu comecei a trabalhar no MASP. Uma coisa é você ir lá, entrar, tirar umas fotos e ir embora. Outra coisa é quando você entende como funciona o sistema dentro dos museus. É um sistema que acaba sendo exclusivo e excludente. É exclusivo para algumas pessoas e elimina a presença e participação de outras. Foi trabalhando no MASP que eu percebi como eram diferentes os tratamentos. Terça-feira sempre era gratuito. Ia uma *molecadinha* e uma galera que não era comum de lá, não eram pessoas ricas e brancas. Uma galera mais humilde, de outras classes. Muito mais pessoas negras e pardas, mais diversas que nos outros dias. Aí tinham os olhares, os tratamentos eram diferentes, questão de segurança... (MEMO, 2023)

As narrativas homogeneizadoras e unidimensionais tendem a perpetuar estereótipos e exclusões. Uma abordagem contestadora da representação cultural implica em uma constante reflexão sobre as formas como as identidades são construídas e representadas. Isso envolve a desnaturalização das categorias sociais, questionando sua origem e seus efeitos nas relações de poder.

Para tanto, Hall (2016) propõe que a representação cultural seja entendida como um campo de lutas e negociações, onde diferentes grupos e interesses estão em constante interação. A participação ativa dos grupos marginalizados na

redefinição de suas próprias narrativas, na articulação de suas próprias identidades e na contestação das representações dominantes promove uma representação mais justa, diversa e inclusiva.

A atuação do curador de uma exposição é um pilar relevante, mas não único, para trazer diversidade e novidades para o público. É importante reconhecer que os museus não são entidades neutras. Eles são moldados por fatores sociais, políticos e culturais, e estão sujeitos a influências externas, como financiamento, interesses políticos e expectativas do público. Ao trazer sua vivência como curadora, Luciara Ribeiro (2023) pontuou:

Eu acho que é um lugar de escuta. Sinto que é fundamental para fazer uma curadoria. Acho que vem da minha relação com a educação. E é nesse ponto, também, que faço a crítica: há muitos curadores que se afastam ou querem se afastar da educação ou não conseguem se aproximar da educação, porque a curadoria se torna um lugar de não escuta. É um lugar de individualidades muito fortes, de disputa muito grande. Então esse modo que as instituições lidam - e é por isso que eu acabo me distanciando desse processo engessado - fomenta a competição, elas fomentam o lugar de *status* a uma figura, que é esse curador. Obviamente, elas fomentam, inclusive, esse processo de pouca coletividade entre os curadores [...] Isso é danoso e adoecedor. Não há como fazer exposição sem escuta, sem ouvir. Tem que ouvir as pessoas envolvidas e a própria sociedade. Tem que ter esse processo participativo, que todo mundo se sinta parte daquela curadoria. (RIBEIRO, 2023)

A curadoria, a disposição espacial, os materiais informativos e as técnicas de comunicação utilizadas nos museus influenciam a forma como o público interage e compreende as obras expostas. Os museus têm a capacidade de moldar as experiências educacionais, influenciando o que é ensinado, como é ensinado e a que público é direcionado. Isso pode resultar na promoção de certos discursos, visões de mundo e valores, criando uma determinada estrutura de conhecimento.

É muito importante levar a arte periférica, levar grafite, levar pixo, cultura hip hop pra dentro de um museu. Porque qualquer pessoa que chega lá, seja rico ou de classe média, vai também entender. Porque é uma galera que tá consumindo esse tipo de arte ao fervor. São pessoas que vão às galerias pra comprar quadro d'OSGEMEOS. Pra gente, artista periférico, estar expondo no museu, nosso trabalho de grafite, é uma abertura de portas, de oportunidades. É importante para o público, pra ter maior conexão com o espaço do museu e com a linguagem do que está sendo exposto. É importante para os jovens que visitam os museus entenderem o que é grafite. Tem que ter esse contato com os museus para conhecer outros tipos de linguagens, outros tipos de história e outros fazeres artísticos. E se reconhecer no que está vendo é muito importante [...] para entender seu espaço naquilo também. (MEMO, 2023)

A presença da cultura periférica dentro dos museus questiona as narrativas dominantes e as estruturas de poder que sustentam essas instituições. Uma vez que

as obras de arte em cartaz fogem da temática periférica, como foi ser atestado com a investigação.

Os museus são espaços que apresentam histórias e perspectivas, fomentando diferentes formas de narrativa. Deste modo, é fundamental que abarque a pluralidade cultural, garantindo representatividade e democratizando não apenas o seu acesso, como o seu conteúdo programático. A presença da cultura periférica nos museus promove a inclusão de diferentes vozes e fragmenta a homogeneidade.

Considerações finais

Os museus e centros culturais são espaços para o estabelecimento de diálogo contínuo entre a academia e o público. Representam a identidade cultural de diferentes civilizações e épocas por meio de objetos e obras. Como espaço físico, é uma área para a formação como centro histórico de referência e de interesse público, é um espaço para o desenvolvimento das artes. De todas as artes.

A inclusão da arte periférica na programação dos museus é uma forma de promover a diversidade cultural e valorizar a arte e as culturas que tradicionalmente foram marginalizadas. A população periférica de São Paulo expressa um número muito maior do que o número de habitantes de regiões não periféricas. Entretanto, como mostra a análise da programação das exposições dos principais museus da cidade, a cultura periférica é escassa neste circuito cultural.

Os museus também podem desempenhar um papel importante na desconstrução de estereótipos e na promoção da inclusão social, dando voz e visibilidade às comunidades marginalizadas e às minorias culturais. É fundamental que esses espaços estejam abertos às mudanças e às demandas sociais, e que sejam capazes de dialogar com as diferentes realidades e experiências que constituem a sociedade contemporânea.

Bibliografia

CARVALHO, Ana. **“Diversidade Cultural e Museus no Séc. XXI: O Emergir de Novos Paradigmas”**. Doutorado em História e Filosofia da Ciência, especialização Museologia, Universidade de Évora. 2015.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 1997.

Conselho Internacional de Museus – ICOM. **Nova Definição de Museu**. Disponível

em <<http://www.icom.org.br>>. Acesso em 26 de fevereiro de 2022.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. **A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo**. Doutorado em Sociologia, Universidade de São Paulo, 2013.

EBLE, Laetcia Jansen, **(Auto)biografias urbanas: percursos possíveis pela literatura marginal**. Revue d'études ibériques et ibéro-américaines, Paris, n. 2, p. 27-36, Automne 2012.

GASPAR, A. **Museus e Centros de Ciências - conceituação e Proposta de um referencial teórico**. Tese de Doutorado. São Paulo, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo., 1993.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016. Rede Nossa São Paulo (RNSP). **Mapa da Desigualdade 2022**. Disponível em <https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2022/11/Mapa-da-Desigualdade-2022_Mapas.pdf>.

Museu da Imagem e do Som. Disponível em <<https://www.mis-sp.org.br>>. Acesso em 11 de abril de 2023.

Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand. Disponível em <<https://masp.org.br>>. Acesso em 03 de abril de 2023.

MEMO, Mari. Entrevista concedida à autora em 09 de maio de 2023.

Pinacoteca do Estado de São Paulo. Disponível em <<https://pinacoteca.org.br>>. Acesso em 18 de abril de 2023.

PINHO, J. A. **Arte periférica: a potência do vazio**. São Paulo: Editora Ubu, 2016.

LOPES, D. **A arte contemporânea periférica e suas relações com a cidade**. In: Revista Educação em Questão, v. 55, n. 44, pp. 179-196, 2017. RIBEIRO, Luciana. Entrevista concedida à autora em 09 de maio de 2023.

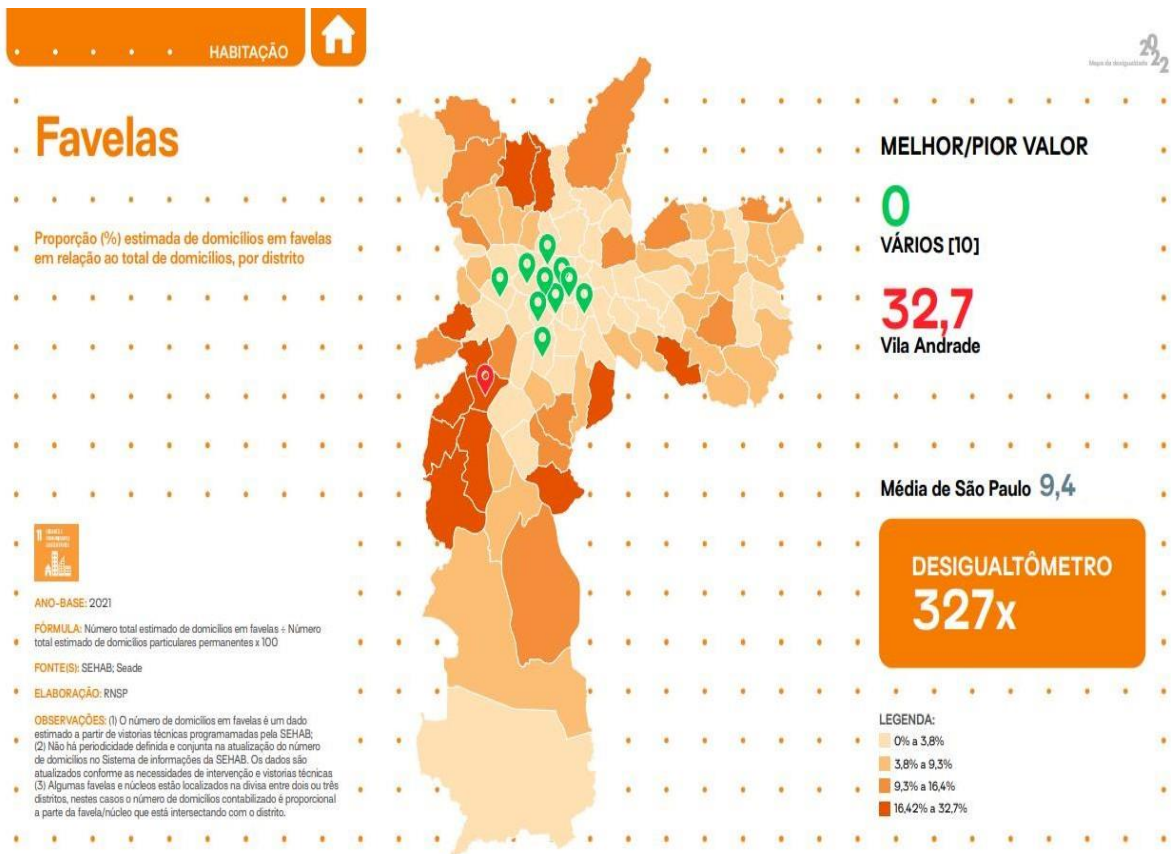
ROLNIK, Raquel. **Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças**. 2015. Tese (Livre Docência) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas**. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, n. 1, 2009.

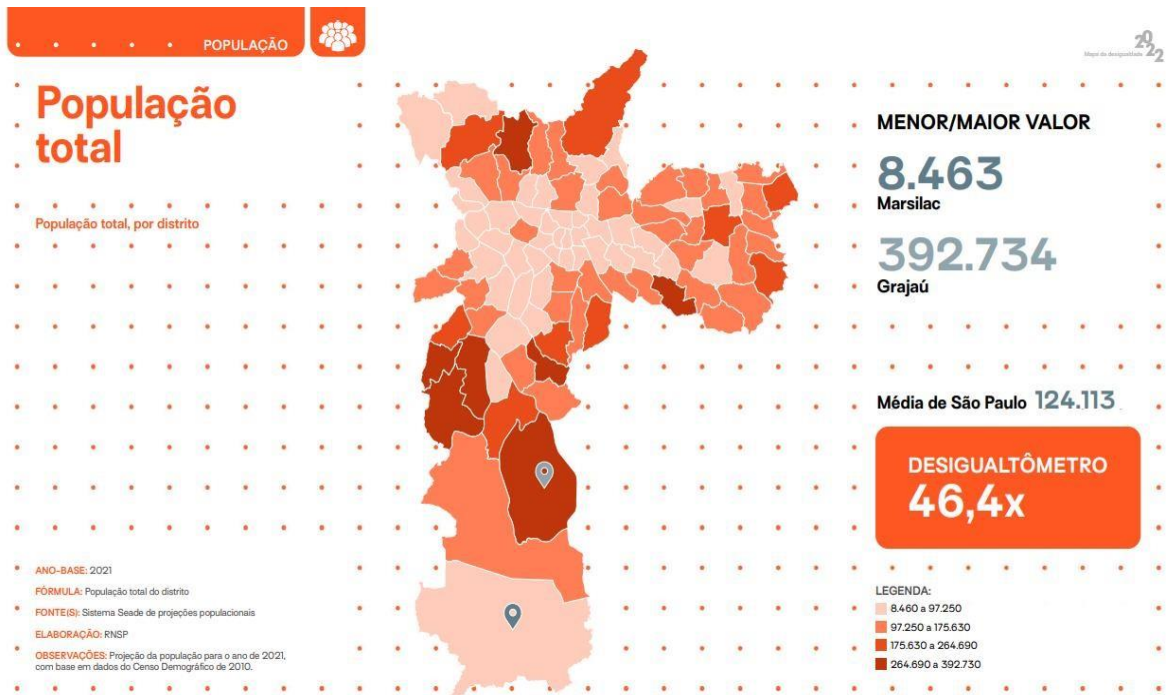
SOBRE O MASP. Disponível em: <https://masp.org.br/sobre>. Acesso em 10 de outubro de 2022.

UNESCO. **Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural**. Paris:UNESCO. 2001.

Anexo A



Anexo B



Anexo C

Roteiro de entrevista Mari Memo

- Você pode se apresentar? Falar um pouco sobre você e de onde veio?
- Qual é a relação do grafite com a periferia? Porque você começou com o grafite?
- Você já expôs seu trabalho artístico em algum outro museu ou galeria, fora o MIS?
- Qual é sua relação com os museus? Você costuma frequentar? Você acha - importante que artistas periféricos ocupem esses espaços?
- Você acha que a cultura periférica, quando trazida para o centro ou para esses grandes museus no centro da cidade, perdem um pouco do propósito?

Roteiro de entrevista Luciara Ribeiro

- Você pode se apresentar? Falar um pouco sobre você e de onde veio?
- Como se desenvolveu sua relação com a arte?
- Você pode nos contar um pouco sobre o processo de curadoria? Quais são os pontos fundamentais nessa atividade?
- Qual é a importância da inserção de artistas periféricos nos grandes museus da cidade de São Paulo?
- Você pode me contar um pouco sobre a obra “Narrativas e Territórios em disputa: Investigações sobre os sistemas das artes”.que você expôs na Pinacoteca?